

# A REVOLUÇÃO ESPANHOLA NOS LIVROS DIDÁTICOS

Caroline Mesquita Arosa<sup>1</sup>

Resumo: Este artigo trata da não abordagem da Revolução Espanhola nos livros didáticos brasileiros. Um tema invisibilizado, mas que oferece a oportunidade para debatermos assuntos contemporâneos em sala de aula como, por exemplo, a reforma agrária. O artigo apresenta ainda uma alternativa para desenvolver esse assunto com os alunos por meio do uso de cartazes que, na época, foram utilizados para transmitir as ideias dos grupos envolvidos no movimento revolucionário.

Palavras-chave: Revolução Espanhola - Livros didáticos - Cartazes.

---

<sup>1</sup> Especialista em Ensino de História pelo Programa de Pós-Graduação (lato sensu) em Ensino de História do Colégio Pedro II. Graduada em História pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).  
E-mail: carolinearosa@hotmail.com

Considero muito importante e interessante analisarmos a forma como um evento histórico é representado em obras cinematográficas, literárias e outras manifestações artísticas. Nesse sentido, é necessário também que lancemos luz sobre como essas narrativas são construídas e/ou perpetuadas pelos diferentes livros didáticos disponíveis no mercado. Este tipo de material tornou-se uma constante no ambiente escolar, principalmente por conta da consolidação de políticas públicas voltadas para sua compra e distribuição, com destaque para o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD).

O livro didático atua como um suporte para o trabalho do professor e não como um substituto, por isso mesmo é que ele não pode ser compreendido como algo neutro. Essas obras são resultados de leituras realizadas por seus autores, para a produção de seus textos, assim como da compreensão de cada autor sobre os temas abordados, expressando posicionamentos políticos, pedagógicos e ideológicos. É fundamental refletirmos sobre essas questões que envolvem não apenas a elaboração deste material, mas também a maneira como ele é utilizado em sala de aula - o ideal é que o professor não fique restrito à sua reprodução, mas sim que sirva como uma espécie de guia para o planejamento de suas aulas.

Foi motivada por essas questões em torno do livro didático, principalmente sobre construção das narrativas de determinados eventos, que, durante o curso de pós-graduação em Ensino de História do Colégio Pedro II, analisei como a Guerra Civil Espanhola aparecia nos livros didáticos brasileiros. E ao realizar essa análise em seis livros didáticos aprovados pelo Ministério da Educação e que estiveram presentes no PNLD de 2008 (3) e

2012 (3), constatei a completa ausência sobre a Revolução Espanhola dentro da abordagem da Guerra Civil Espanhola. Mas por que seria importante trabalhar essa temática em sala de aula? Antes de entrar nesse assunto específico, e trazer uma proposta de como trabalhá-la, julgo importante apresentar um breve resumo do que foi esse movimento revolucionário.

A Espanha foi um terreno fértil para o pensamento anarquista, em meados do século XIX, de acordo com Alex Ribeiro (2013), por conta de todo o histórico de explorações que sua população sofria por parte dos *nobres da terra e nobres da igreja*. Isso fez com que o anarquismo ganhasse força entre os trabalhadores rurais e urbanos. Este movimento anarquista se organizou no país em bases sindicais com a criação, em 1910, da *Confederación Nacional del Trabajo* (CNT) - um sindicato único, para todos os trabalhadores, independente da área de atuação. A CNT, entretanto, segundo Alex Ribeiro (2013), não se reduzia a luta por melhorias das condições de trabalho, seu objetivo maior era fazer a revolução.

A Espanha, nos anos de 1930, vivenciou um acirramento das tensões políticas e ideológicas, principalmente após a instauração da II República, em 1931, que iniciou um programa de reformas que desagradou os setores mais conservadores da sociedade, como, por exemplo, a Igreja Católica, grandes proprietários de terras e as forças armadas. Estas disputas entre os grupos políticos de esquerda e direita foram se intensificando ao longo dos anos até que em julho de 1936, após uma tentativa de golpe de Estado orquestrado pelos militares insatisfeitos com o governo da Frente Popular e repellido por um forte movimento de resistência popular, iniciou-se um conflito que assolou o

país. A Guerra Civil acabou dividindo a população espanhola em dois bandos<sup>2</sup>: os republicanos - com a união de diversos grupos político-ideológicos que lutavam em defesa do governo eleito - e os nacionais - formado principalmente por militares, proprietários de terras e religiosos.

Em meio a Guerra Civil Espanhola, poucos meses depois do fracassado levante militar, teve início um movimento revolucionário que se fez presente em algumas regiões do país. Os orquestradores do golpe buscaram justificá-lo como sendo uma medida necessária para impedir uma revolução social que, segundo eles, a extrema esquerda estaria planejando. Entretanto, não há indícios que corrobore essa afirmação, tampouco é possível garantir que teria ocorrido um movimento revolucionário se não fosse pelo cenário após a malsucedida sublevação.

[...] nas regiões em que o golpe fracassou formou-se uma dupla legitimidade do poder. De um lado estavam as estruturas de governo derivadas da Constituição e do Estado de direito, e de outro, as juntas de defesa organizadas por movimentos sociais revolucionários. As primeiras detinham a legitimidade das urnas, mas diante do fracasso do exército republicano para deter o golpe, não podiam se opor frontalmente às juntas revolucionárias, que em muitos casos possuíam o verdadeiro poder coercitivo. (BUADES, 2013, p. 77).

Esse processo ocorreu de forma mais intensa na região da Catalunha - onde o poder foi entregue às forças anarquistas. Houve a socialização da economia nessas regiões com fábricas e centros de serviços públicos sendo ocupados por comitês de operários, que “afastaram os proprietários e diretores

---

<sup>2</sup> A nomenclatura dos grupos que se enfrentaram durante a Guerra Civil Espanhola é variada, sendo a denominação utilizada neste artigo a mais comum, variando entre nacionais e nacionalistas para referir-se ao lado que promoveu o levante militar. A adoção pelo termo *nacionais* segue a escolha feita por Josep M. Buades para evitar que haja confusão com os nacionalistas bascos e catalães que, em sua maioria, lutaram em defesa da República. (BUADES, 2013, p. 86).

[...] e proclamaram o caráter coletivo da propriedade” (BUADES, 2013, p. 77). As áreas rurais passaram por um processo de coletivização das terras após uma série de decretos coletivizadores aprovados pelo governo catalão, a Generalitat, em outubro de 1936 e que também se estendia à cidade.

Em um período de um ano, aproximadamente, estas regiões experimentaram outra forma de organização social. Porém, devido as divisões e disputas que ocorriam dentro da esquerda e, principalmente, pela interferência da URSS, o movimento revolucionário foi perdendo força. Isso porque internamente havia uma discordância sobre o que deveria ser prioridade

[...] completar a revolução, mesmo que isso significasse arriscar-se a perder a guerra (como defendiam os anarquistas), ou focar todos os esforços em vencer os “fascistas”, mesmo que isso supusesse perder a melhor oportunidade histórica para virar de cabeça para baixo a sociedade burguesa e as estruturas econômicas capitalistas (como propugnavam os comunistas) (BUADES, 2013, p. 192).

Um dos eventos que marcou o início da derrocada da Revolução Espanhola foi um confronto ocorrido em Barcelona, em maio de 1937, e que expôs essa divisão interna da esquerda e que pôs membros da CNT-FAI (*Confederación Nacional del Trabajo - Federación Anarquista Ibérica*) e do POUM (*Partido Obrero de Unificación Marxista*) de um lado e a UGT (*Unión General de Trabajadores*) e PSUC (*Partido Socialista Unificado da Cataluña*) de outro. O conflito, segundo Francisco Salvadó (2008), foi iniciado quando a Generalitat enviou a Guarda de Assalto para retomar o controle do sistema de telefonia central que estava sob o comando da CNT - o que acabou resultando em uma batalha pelas ruas de Barcelona cujo desfecho foi favorável a Generalitat.

Essa retomada de controle era mais um passo do governo oficial em busca da normalização da ordem pública, benéfico também para aqueles que, como os comunistas, desejavam a centralização do poder e o restabelecimento da ordem na retaguarda. O movimento revolucionário foi então perdendo força até a sua extinção.

Não há uma cifra exata do número de pessoas envolvidas nesse movimento, porém, entre coletivos agrícolas e industriais, especula-se que aproximadamente 1.838.000 de pessoas participaram dele. Considero, por tudo que esse movimento revolucionário de autogestão representou em meio a uma guerra civil, assim como por essa cifra, que não é possível ignorá-lo. Além do que, trabalhar essa temática em sala de aula permite mostrar outra forma de organização social, ampliando o conhecimento dos alunos e possibilitando, assim, que eles saiam do senso comum onde o anarquismo é associado ao caos.

Para tratarmos desse assunto, podemos fazer uso de um recurso imagético muito utilizado durante o conflito espanhol: os cartazes. Este tipo de material que ganhou expressão no final do século XIX, é muito relacionado a publicidade de produtos, mas ele também têm uma tradição na propaganda política, como meio de transmitir mensagens ideológicas. Todos os grupos envolvidos na contenda fratricida fizeram uso dos cartazes para difundir suas ideias.

A alta adesão aos cartazes, como sinaliza Emerson Rocha (2006), pode ser explicada pelo imediatismo da imagem, o que também facilitava a

comunicação com uma população onde nem todos eram alfabetizados. O cartaz

é considerado um meio de propaganda eficiente porque, ao valer-se de símbolos, desenhos e ícones, é capaz de difundir ideias, doutrinas e práticas de forma rápida, demandando pouco esforço intelectual, isto é, a imagem é trabalhada visando a uma compreensão rápida do conteúdo comunicativo sem dar tempo para posicionamentos críticos (BAGGIO; CASTRO; DORELLA, 2015, p. 196).

O movimento revolucionário buscou, através dos cartazes, promover suas ideias e também estabelecer uma comunicação com os trabalhadores, principalmente os rurais, enfatizando a importância deles para a vitória. A seguir temos alguns cartazes que podemos utilizar em sala de aula.



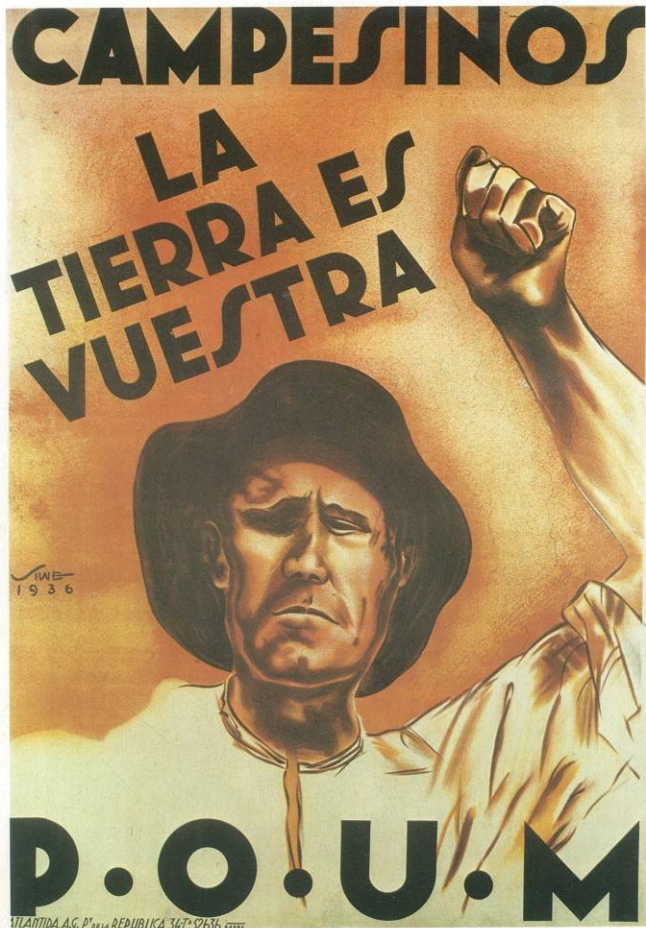
“Sobre o fundo rubro-negro da bandeira da CNT-FAI, o camponês ceifador de grãos transforma-se em miliciano lutador, tornando efetivo os dizeres “trabalha e luta pela revolução”. A coletividade agrária anarquista afetou fundamentalmente a zona de Aragón ocupada pelos cenetistas. A maior parte das coletividades anarquistas nascerem [sic] nos três primeiros meses de guerra. Os confederados gostaram deste experimento social agrário pois foi um passo adiante para se chegar ao comunismo libertário.”

Autor: Angel L. L.  
Editor: CNT-FAI  
Impressor: Martí, Marí y Cia. Barcelona  
Medidas: 100x70cm

**Figura 1.** Cartaz

Fonte:

<https://arquivopublicors.wordpress.com/2013/07/17/exposicao-virtual-revolucao-e-guerra-civil-espanhola-em-cartaz/19-3/>



“Siwe, autor deste cartaz, foi um dos artistas que se dedicou exclusivamente a um grupo. No caso, ao POUM. Os artistas de cartazes do POUM, seguem uma linha de instrução política mais radical. Neste cartaz, os dizeres reclamam de terras para o [sic] camponeses. O POUM é o partido dos marxistas, seguidores de TROTSKY. E um partido minoritário, mas ativo, que conta com dirigentes de prestígio como ANDREU NIN e JOAQUIN MAURIN.”

Autor: SIWE

Impressor: Atlantida A.G. – Barcelona

Medidas: 100x70cm

### Figura 2. Cartaz

Fonte:

<https://arquivopublicors.wordpress.com/2013/07/17/exposicao-virtual-revolucao-e-guerra-civil-espanhola-em-cartaz/15-3/>



“A política mais moderada da UGT se reflete neste cartaz de Subirats. A legenda “camponês! A revolução necessita de teu esforço!” torna patente a necessidade de estimular a produção agrária, ao mesmo tempo [sic] que trata dos dramas da coletividade do campo e os problemas de propriedade de terra. No cartaz, o realismo se idealiza na figura do camponês; a delicadeza da composição revela a influência da arte decorativa japonesa.”

Autor: Josep Subirats

Medidas: 100x70cm

Impressor: Gráfica ultra – Barcelona

### Figura 3. Cartaz

Fonte:

<https://arquivopublicors.wordpress.com/2013/07/17/exposicao-virtual-revolucao-e-guerra-civil-espanhola-em-cartaz/16-3/>





“Este cartaz, de autor anônimo, foi pintado para a CNT – FAI, e seu tema – o cesso [sic] do camponês à terra – está ligado à coletividade anarquista. A coletividade agrária foi fruto quase exclusivo da CNT-FAI, que mostrou-se sempre muito orgulhosa de sua obra revolucionária. Hoje é difícil fazermos juízo imparcial sobre aqueles acontecimentos uma vez que, segunda [sic] os anarquistas, foi o paraíso e, um inferno para os comunistas e os republicanos de esquerda.”

Editor: CNT-FAI (AIT) Comitê de Defesa.  
Sección de Propaganda. Madrid.  
Medidas – 100x70cm

**Figura 4.** Cartaz

Fonte:  
<https://arquivopublicors.wordpress.com/2013/07/17/exposicao-virtual-revolucao-e-guerra-civil-espanhola-em-cartaz/18-3/>

Como já foi dito anteriormente, trabalhar o tema da Revolução Espanhola com os alunos permite que eles conheçam uma outra maneira de organização social - a autogestão - e, conhecendo um pouco mais sobre o pensamento anarquista, saiam do senso comum onde essa corrente é associada apenas ao caos. Além disso, o movimento revolucionário espanhol nos permite debater um assunto que também é importante para o Brasil: a reforma agrária .

Dois dos quatro cartazes apresentados acima (figura 2 e 4), além de convocar os trabalhadores rurais para a luta, também mencionam a questão agrária - uma de suas principais reivindicações e que estava presente no programa de reformas da II República. A figura 2, com a imagem de um camponês e os dizeres *Camponeses, a terra é sua*, e a última imagem que traz a convocatória: *Camponeses, às armas para conquistar a terra que nos*

*pertence, a liberdade e abrir os sulcos da sociedade futura.* Desenvolver esse tópico com os alunos é interessante pois possibilita debater o tema da reforma agrária, trazendo a discussão para a nossa realidade - já que este é um assunto recorrente em diferentes períodos da nossa história, permanecendo atual.

Embora não seja um tema presente nos livros didáticos e, conseqüentemente, ausente também da sala de aula, a Revolução Espanhola, como foi demonstrado, possui algumas características que permite ao professor suscitar importantes debates com os alunos sobre assuntos contemporâneos. Por isso, mais do que apenas indicar e criticar a ausência deste tema nas obras didáticas, procurei sinalizar possíveis caminhos para trabalhar com essa temática. Espero que, de alguma forma, este artigo possa auxiliar o trabalho dos professores.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AROSA, Caroline Mesquita. **A Guerra Civil Espanhola no cinema e na literatura:** diferentes memórias e representações. 2015. 73f. Monografia. Escola de História, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

AROSA, Caroline Mesquita. **A Guerra Civil Espanhola nos livros didáticos.** Rio de Janeiro, 2017. 51f. Monografia (Especialização em Ensino de História) – Colégio Pedro II. Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura.

AZEVEDO, Gislane; SERIACOPI, Reinaldo. **História em movimento:** do século XIX aos dias de hoje. Editora Ática, 2013.

BERTHIER, René; LEVAL, Gaston; MINTZ, Frank. **Autogestão e anarquismo.** São Paulo: Editora Imaginário, 2002.

BUADES, Josep M. **A Guerra Civil Espanhola:** o palco que serviu de ensaio para a Segunda Guerra Mundial. São Paulo: Contexto, 2013.

CASTRO, Cláudia Gomes de; BAGGIO, Kátia Gerab; DORELLA, Priscila Ribeiro. Imagens de uma revolução: historiografia e os cartazes de propaganda política cubanos. **Revista de Ciências Humanas**, Viçosa, v. 15, n. 1, jan./jun., 2015. Disponível em: <<http://www.cch.ufv.br/revista/pdfs/vol15/artigo1evol15-1.pdf>>. Acesso em: 27/12/2018.

FARIA, Sheila de Castro; VAINFAS, Ronaldo. **História**. Editora Saraiva, 2010.

GRAHAM, Helen. **Guerra Civil Espanhola**. 1ª edição. Porto Alegre: L&PM, 2013. pp. 208. (L&PM POCKET ENCYCLOPAEDIA).

MORAES, José Geraldo Vinci de. **História Geral e Brasil**. Atual Editora, 2005.

MOTA, Myriam Becho; BRAICK, Patrícia Ramos. **História**: das cavernas ao terceiro milênio. Editora Moderna, 2005.

PAZZINATO, Alceu; DENISE, Maria Helena. **História Moderna e Contemporânea**. Ed. Ática, 2004.

PETTA, Nicolina Luiz de; OJEDA, Eduardo Aparicio Baez. **História**: Uma abordagem Integrada. Editora Moderna, 2003.

RIBEIRO, Alex Brito. Guerra Civil Espanhola: coletivização e anarquismo na Catalunha entre 1936 e 1939. **Revista Encontros**, Rio de Janeiro, ano 11, n. 20, 1º semestre de 2013. Disponível em: <<http://www.cp2.g12.br/ojs/index.php/encontros/article/view/332/273>>. Acesso em: 26/12/2018.

ROCHA, Emerson da Cruz. **Propaganda política e revolução**: a experiência dos cartazes anarquistas durante a Guerra Civil Espanhola. 2006. 51f. Monografia. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2006. Disponível em: <[http://www.historia.ufpr.br/monografias/2006/2\\_sem\\_2006/emerson\\_cruz\\_rocha.pdf](http://www.historia.ufpr.br/monografias/2006/2_sem_2006/emerson_cruz_rocha.pdf)>. Acesso em: 27/12/2018.

SALVADÓ, Francisco J. Romero. **A Guerra Civil Espanhola**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

VICENTINO, Cláudio; DORIGO, Gianpaolo. **História Geral e do Brasil**. Ed. Scipione [série parâmetros], 2008.

## **THE SPANISH REVOLUTION IN DIDACTIC BOOKS**

Abstract: This article deals with the non approach of the Spanish Revolution in Brazilian didactic books. A theme that is invisible, but offers the opportunity to debate contemporary issues in the classroom, such as agrarian reform. The article also presents an alternative to develop this subject with the students through the use of posters that, at the time, were used to convey the ideas of the groups involved in the revolutionary movement.

Keywords: Spanish Revolution - Didactic books - Posters